

A INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

Bruna dos Santos Fernandes¹

Ivone Pingoello²

Resumo: Este trabalho objetiva investigar as concepções de professores/as da Educação Infantil acerca da indisciplina, suas crenças e práticas adotadas. Esta pesquisa é de campo e se fundamenta nos pressupostos da Teoria das Representações Sociais. Para alcançar o objetivo, foi feita uma análise bibliográfica, que atende a compreensão da TRS, os conceitos de indisciplina e as propostas da educação infantil quanto ao desenvolvimento das relações sociais. A coleta de dados foi feita a partir de um questionário aplicado a professores/as da Educação Infantil que foram analisados quanti/qualitativamente. As respostas aos questionários revelaram que a definição de indisciplina apresenta falhas no que diz respeito às especificações, as respostas apresentaram generalizações e fuga de contextos e ficaram evidentes as representações sociais construídas a partir do senso comum. O resultado dessa pesquisa apresenta que falta aprofundamento na formação pedagógica quanto ao atendimento aos conflitos e comportamentos indisciplinados na Educação Infantil, há uma necessidade de construção de regras partilhadas, assim como não devem ser evitados os momentos de conflitos, acreditando que esses momentos são oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Palavras-chave: Educação. Indisciplina. Educação Infantil.

Abstract: This paper aims to present the conceptions of teachers of Early Childhood Education about discipline, their beliefs and practices adopted. This research is based on the assumptions of the Theory of Social Representations. In order to reach the objective, a bibliographic analysis was carried out, which attends the understanding of the SRT, the concepts of discipline and the proposals of the infantile education in the development of the social relations. The data collection was done from a questionnaire applied to teachers of Early Childhood Education who were analyzed qualitatively e quantitatively. The answers to the questionnaires revealed that the definition of discipline presents faults with respect to the specifications, the answers presented generalizations and escape of contexts and they became evident the social representations constructed from the common sense. The result of this research shows that there is a lack of deepening in the pedagogical training regarding the attendance to conflicts and undisciplined behaviors in Early Childhood Education, there is a need to build shared rules, just as moments of conflict should not be avoided, believing that these moments are opportunities for learning and development.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora do Departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM.

Key-words: Education. Indiscipline. Child education.

1. INTRODUÇÃO

Cursando o segundo ano do curso de pedagogia na Universidade Estadual de Maringá e trabalhando como auxiliar de sala na Educação infantil, surgiram questões que a prática profissional não estava conseguindo responder acerca de como lidar com o comportamento considerado indisciplinar apresentado por crianças matriculadas na Educação Infantil. Colocando-me no lugar da professora regente pensei que, após a conclusão de minha graduação, poderia ser eu atuando como professora de uma turma de crianças que apresentassem os mesmos comportamentos, podendo também não saber agir diante das questões ora definidas como comportamentos indisciplinados.

Desta forma, surgiram questões que busco responder nesse trabalho, como: qual ou quais as concepções que os/as professores/as da Educação Infantil têm sobre a indisciplina? Quais estratégias utilizam para controlar o comportamento por eles definidos como indisciplina? O que diz as teorias e pesquisas científicas sobre essas questões?

Se respondidas, essas questões podem contribuir para a melhoria no entendimento e atendimento aos comportamentos das crianças em fase da Educação Infantil a fim de melhorar a prática pedagógica e o ambiente de aprendizagem.

A partir dessas inquietações, definimos como objetivo desse trabalho investigar as concepções de professores/as da Educação Infantil sobre a indisciplina, suas crenças e práticas e analisá-las a partir da visão de autores que discutem a indisciplina. A natureza da pesquisa é de campo e se fundamenta nos pressupostos da Teoria das Representações Sociais (TRS). Tratando das relações sociais cotidianas, Moscovici (1978) as considera como resultados das representações apreendidas nas interações sociais, nas partilhas de significações. Portanto, a TRS pode fornecer subsídios para a análise da indisciplina escolar, considerando-a como uma ação que envolve pessoas e ambientes com significados sociais partilhados.

O caminho percorrido para que o objetivo desse trabalho seja atendido é o de análise bibliográfica, que atende a compreensão da TRS, os conceitos de indisciplina e as propostas da Educação Infantil quanto ao desenvolvimento das relações sociais; e coleta de dados a partir de um questionário aplicado a professores/as da Educação

Infantil que são analisados quanti/qualitativamente com o objetivo de atender à proposta de averiguar as concepções e práticas assumidas por professores/as da Educação Infantil frente a comportamentos conceituados como indisciplinados.

Nas discussões e considerações finais, posicionamo-nos em favor de amplo debate e reflexão sobre formas de atuar a partir de compreensões que se constroem no campo do senso comum sobre a indisciplina escolar que devem ser ressignificados no campo científico.

2. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Para conceituar Teoria das Representações Sociais (TRS) utilizamos as definições de Moscovici (1978, p. 26) que esclarece que a Representação Social (RS) “[...] é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”. Para o autor, portanto, as RS orientam as ações realizadas diante de determinados fatores, o que inclui a forma como os indivíduos se comunicam, a mensagem que transmitem e os objetivos das mensagens. As ponderações de Jodelet (2001, p. 22) complementa o sentido dessa discussão quando afirma que RS “[...] é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Tendo objetivo prático, as RS são importantes nas interações entre os sujeitos sociais, pois promove a partilha de significados que conduz as ações humanas. Sobre o conceito apresentado por Moscovici, Alves-Mazzotti (2008, p. 22) pontuou que RS: “[...] corresponde à busca desta especificidade, através da elaboração de um conceito verdadeiramente psicossocial, na medida em que procura dialetizar as relações entre indivíduo e sociedade”. Assim, sujeito e sociedade fazem parte de um todo constituinte e constituído pelas relações sociais estabelecidas a partir da construção das representações sociais.

Moscovici (1978) explica que as representações sociais se constroem por meio de dois processos: objetivação e ancoragem. A objetivação trata de concretizar um conceito, ou seja, transformar um conceito em imagem; a ancoragem incorpora o conceito novo ao já conhecido, faz a integração entre o dado novo e as crenças já construídas. Esses dois processos têm a função de transformar o que é estranho em algo conhecido. Como exemplo, citamos o contexto escolar, o estranho é o/a aluno/a que

é o objeto a ser decifrado e, para isso, o/a professor/a efetua o processo de objetivação e ancoragem, integrando a figura do/a novo/a aluno/a as crenças já estabelecidas, buscando pontos em comum entre o novo e o já conhecido a fim de confirmar as hipóteses levantadas.

Por meio das representações sociais as pessoas dão significados a objetos da realidade, que ocorre a partir do convívio no grupo social e da internalização dos significados socialmente partilhados. E, como afirma Pombo-de-Barros e Arruda (2010, p. 353), a representação social do objeto “aponta para o entrelaçamento entre o objeto representado e o sujeito que o representa”. Ou seja, a construção de significados ocorre no campo coletivo e individual com a concepção de que o que é posto na realidade social é integrado na realidade individual e passa a integrar a parte cognitiva do sujeito.

Por se tratar das relações sociais, a TRS não carrega uma definição estática pois, como afirma Moscovici (1978), a dificuldade em conceituar representações sociais parte da complexidade das relações humanas que são construídas e ressignificadas a cada novas experiências e aprendizagens, por variarem conforme diversificam os contextos, os ambientes sociais e a autonomia do sujeito frente às interações sociais. Por conta dessa complexidade, não se concebe definições estáticas do sujeito que se manifesta, nem mesmo do comportamento manifestado, como é o caso da indisciplina que tem variações conceituais conforme modificam os contextos sociais.

3. CONCEITOS DE INDISCIPLINA

As variações no comportamento indisciplinado ocorrem por conta das variações de representações sociais construídas ao longo do desenvolvimento do indivíduo, tanto para compreender o que se considera disciplina/indisciplina, como para atuar frente a um comportamento considerado indisciplinado. A delimitação de análise quanto ao fator disciplina deve ser pensada a fim de orientar as ações possíveis a serem realizadas para o controle da indisciplina. De acordo com Estrela (1994) a indisciplina refere-se à negação de disciplina ou quebra de regras que são impostas:

As regras e o tipo de obediência que elas postulam são relativas a uma dada coletividade, vivendo num determinado tempo histórico, e aos corpos sociais que nela existem [...]. Não se pode, assim, falar em

disciplina ou em indisciplina independentemente do contexto histórico em que ocorre. (ESTRELA, 1994, p.15).

As variações históricas correspondem aos valores sociais da conduta humana dado em cada época específica, tanto nos níveis escolares quanto em países, regiões ou culturas. Sobre esse assunto Rego (1996) afirma que:

[...] O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma camada social ou organismo. Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. (REGO, 1996, p. 84)

Dessa forma, o conceito de indisciplina muda de ambiente para ambiente, de uma cultura para outra. Nossa discussão se delimita à indisciplina escolar que consiste na não observação das regras existentes na escola. Para Tognetta e Vinha (2007), indisciplina é considerada um ato que atinge uma norma pré-estabelecida dentro de uma instituição, de caráter escolar ou ético-social, destinado a garantir a boa convivência e condições favoráveis de aprendizagem. Para as autoras, a elaboração destas regras, não raramente, são unilaterais, partem das concepções de professores/as de como devem se comportar os/as alunos/as em sala de aula para que esta possa ser um ambiente tranquilo, levando em consideração a interferência destes comportamentos no andamento das aulas, na aplicação dos conteúdos didáticos, não nas relações interpessoais entre os alunos.

Garcia (1999) afirma que o fato da indisciplina não estar ligada apenas a um contexto faz com que suas interpretações sejam diferentes e haja uma variedade de significados. No plano escolar, Garcia (1999) distingue três campos de manifestações da indisciplina: o campo das condutas dos/as alunos/as nas atividades pedagógicas; a dimensão de socialização entre pares; e o contexto do desenvolvimento cognitivo. Esses fatores estão associados à forma como o/a aluno/ se posiciona frente às demandas escolares e o que a escola espera deles/as. Assim, o autor define indisciplina como:

[...] a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes. (GARCIA, 1999, p. 102)

Conforme Garcia (1999), as características da indisciplina evoluíram no decorrer da história da escolarização, na década de 1990, processam-se mudanças de natureza dominante, período em que se estabelece novas formas de produzir indisciplina, ocorre o domínio do segmento da aula pelos/as alunos/as, definido pelo autor como “bagunça engajada” (GARCIA, 1999, p. 103), na qual grupos divergentes de alunos/as realizam atitudes indisciplinadas coletivas.

A marca do/a aluno/a da escola contemporânea é a irreverência, a contestação e a autonomia de pensamento que, na visão de Garcia (1999), são características desenvolvidas a partir do conceito de educação para a autonomia, para a participação crítica. Desde a Educação Infantil ao Ensino Superior, considerando as políticas públicas para a Educação brasileira, almeja-se a formação de aluno/a crítico/a e reflexivo/a a fim de que ele/a possa intervir sobre a realidade social e exercer a cidadania plena. Para o autor, esse novo modo de ser dos/a alunos/as intimida os/as professores/as e dificulta a equação entre o que é ação de participação criativa e o que é indisciplina. Aos olhos do/a professor/a tradicional a contestação pode parecer indisciplina quando, na realidade posta, pode ser o resultado da educação de uma sociedade em processo de superação da cultura da repressão.

Acreditamos que, nessa amplitude de definições do que seja um comportamento indisciplinado, mora a dificuldade de se estabelecer uma ação escolar que dê conta de minimizar seus efeitos no ambiente de aprendizagem ou que, na vasta possibilidade de definições, generaliza-se e define-se todo comportamento indesejado pelo/a professor/a ou pela escola como um todo, como indisciplina. Essa visão generalizante afeta as possibilidades de aprendizagem, considerando que as relações sociais trazem, por si só, situações conflitantes e que podem e devem ser utilizadas como possibilidades de aprendizagem. De acordo com Lajonquiére (1996), comumente os/as professores/as relacionam indisciplina com problemas de aprendizagem, ou seja, a indisciplina pode ser a causa dos problemas de aprendizagem e os problemas de aprendizagem podem resultar na indisciplina.

Considerando as relações entre indisciplina e aprendizagem escolar, as atenções se voltam para a Educação Infantil, fase inicial da construção das relações sociais estabelecidas no campo escolar que marcam as primeiras significações estabelecidas a partir das experiências de aprendizagem. Assim, o campo da Educação Infantil deve ser visto como área de construções de representações sociais que se estabelecerão como verdades para a criança em formação, verdades que serão incorporadas no repertório comportamental, ações que serão adotadas frente a demandas sociais. Por isso, compreende-se que o conceito de disciplina escolar deve ser compartilhado entre a comunidade que atende os sujeitos em fase de escolarização.

4. AS RELAÇÕES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é resultante de lutas dos movimentos comunitários, movimento dos trabalhadores, do movimento das mulheres, da redemocratização do país e uma defesa de todos os profissionais da educação e é definida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como:

[...] primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional [...] as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar. (BRASIL, 2016, p.32)

Considerando que as experiências, conhecimentos e habilidades se desenvolvem no complexo social e que a diversidade de aprendizagem se consolida nas interações com o outro, a Educação Infantil tem como proposta principal promover a socialização, acreditando que essa é fundamental para a construção da cidadania.

A BNCC é organizada a partir de cinco campos de experiências que caracterizam o currículo da Educação Infantil, estes campos possuem características que retratam saberes e conhecimentos que devem ser propiciados às crianças nessa primeira etapa da educação básica. Um dos campos que retratam as relações sociais é chamado: “O eu, o outro, e o nós”, que justifica-se na necessidade de desenvolver princípios socializadores na relação entre a criança com o adulto, do convívio com pessoas diferentes, crianças diferentes em espaços diferentes, momento que

acontece a construção do modo próprio de pensar, sentir e agir. Conforme a BNCC (BRASIL, 2016, p. 36), na Educação Infantil “ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio”.

Por ser um espaço de socialização, de construção dos primeiros relacionamentos, é nesse campo que os conflitos emergem, o convívio com outros pares e num espaço diferente do familiar fazem surgir conflitos, como oposições de ideias, disputas por objetos e territórios, brigas e xingamentos, situações comuns no ambiente escolar (VINHA, 2000).

Isso exige que o/a professor/a da Educação Infantil saiba mediar. É por meio da mediação do adulto que o comportamento social é construído, que a contenção dos impulsos é desenvolvida, que a argumentação é apreendida. Entretanto, para que a mediação aconteça quando surgem problemas de relacionamentos entre as crianças é preciso que o/a professor/a saiba distinguir os vários tipos de conflitos existentes, pois para cada conflito deve-se ter uma mediação específica. A dificuldade em estabelecer está na generalização entre os termos conflito e indisciplina (VINHA, 2000).

Os/As professores/as tendem a analisar o conflito como algo negativo para as atividades de aprendizagem, perdendo parte do tempo pedagógico tentando evitá-los. No entanto, Vinha (2000) esclarece que os/as professores/as precisam analisar que os conflitos podem proporcionar uma construção positiva de aprendizagem, só possível de serem realizadas nas interações sociais, de forma que as crianças possam refletir sobre suas ações. Ainda em relação a importância do papel dos conflitos, a autora pondera:

Ao invés do professor gastar seu tempo e energia tentando preveni-los, deve se aproveitar os mesmos com oportunidades para auxiliar as crianças a reconhecer os pontos de vistas dos outros e aprenderem, aos poucos, como buscar soluções aceitáveis para todas as partes envolvidas. (VINHA, 2000, p.351).

Para que o/a professor/a possa melhorar suas ações acerca dos conflitos e da indisciplina precisa estar clara a distinção entre os dois termos, o que confere maior autonomia na tomada de decisões coerentes e previamente analisadas e refletidas. Sobre os conflitos, Vinha (2000), os apresenta como situações comuns de se encontrar no interior da escola, em destaque as discussões ocasionadas por oposições de

ideias, as disputas por objetos que podem ocasionar agressões físicas e verbais (mordidas, chutes, xingamentos, etc.).

Quanto à indisciplina, Tognetta e Vinha (2007) a define como “ruptura do contrato social da aprendizagem, que envolve a relação pedagógica”. Sendo um contrato social, esse deve ser de conhecimento dos envolvidos, no caso, as crianças, que devem estar cientes sobre a necessidade de se cumprir determinadas regras e o porquê delas existirem.

Da mesma forma, os/as professores/as deverão ter conceitos bem definidos sobre disciplina/indisciplina e conflitos a fim de encontrar meios de intervir, deixando de adotar condutas do senso comum, desvinculadas de sentido da ação educativa, como as punições, por exemplo, que não educa, não ensina e não tem relação direta com o ato praticado (TOGNETTA, VINHA, 2007). Em todas as situações o professor deve fornecer subsídios para que as crianças possam refletir e resolver os confrontos e oposições.

Cabe ao professor intervir e promover ações positivas nas relações conflituosas, como uma situação de aprendizagem e desenvolvimento. No momento em que o/a professor/a intervém, e a forma como intervém é transmitido valores que possivelmente resultarão num aprendizado. Por isso, todo ato interventivo a um conflito ou comportamento indisciplinado deve ser realizado como ato de ensino, que faz parte do processo de aprendizagem.

De acordo com Parrat-Dayana (2008, p.5), “o desrespeito às regras termina em indisciplina e violência”, portando segundo a autora, a disciplina é importante, pois tem o intuito de facilitar as relações interpessoais e o processo de aprendizagem, por isso o/a professor/a deve pensar a disciplina como um processo comportamental a ser construído.

A disciplina mostra-se aqui como necessidade do ambiente escolar. De La Taille (1996 p. 10), ao definir a disciplina como “comportamentos regidos por um conjunto de normas”, apresenta a indisciplina como “uma forma de desobediência insolente”, a qual se reflete pelos maus comportamentos e as relações mostram-se desorganizadas.

Vinha (2000) esclarece que ao “ligar a disciplina à obediência e submissão, os comportamentos considerados inadequados são tomados como indisciplina”, para solucionar esses problemas os/as professores/as recorrem as regras e combinados, no

entanto, “muitas vezes a regra imposta é absurda e só se justifica pela autoridade de quem a impõe” (VINHA, 2000, p.134).

Oliveira (2005) reforça, esclarecendo que:

Além de a indisciplina causar danos ao professor e ao processo ensino-aprendizagem, o aluno também é prejudicado pelo seu próprio comportamento: ele não aproveitará quase nada dos conteúdos ministrados durante as aulas, pois o barulho e a movimentação impedem qualquer trabalho reprodutivo. (OLIVEIRA, 2005, p. 21).

Para Tognetta e Vinha (2007), a visão negativista dos conflitos e das micro violências que ocorrem no ambiente escolar e que tumultuam a sala de aula interferem na maneira como os/as professores/as estão mediando a resolução dos conflitos, resultando em certo desânimo em buscar meios para solucionar os problemas, pois já são definidos como algo negativo e que devem ser evitados. Assim, algumas atividades pedagógicas não são realizadas para evitar os conflitos, como proibir que as crianças levem para a escola objetos diferentes, como algum brinquedo, por exemplo, assim o problema é evitado e perde-se a oportunidade de aprendizagem.

Quando ocorre a indisciplina, quebra das regras escolares, temos que analisar as questões que estão envolvidas na construção dessa regra. Segundo Menin, (1996, Apud Vinha, 2000, p.134) “quando as regras são impostas pelos professores aos alunos e não elaboradas pela consciência, permanecendo exteriores aqueles que a obedecem, as crianças acabam descumprindo-as”.

Tognetta e Vinha (2007), acrescentam que, por mais que a regra seja construída e refletida juntamente com a criança, para ela os seus sentidos ainda são difíceis de ser compreendidos, por isso, os “acordos acabam por não ser cumpridos, visto que nem sempre a criança sabe o que é esperado que seja feito para que a regra seja seguida” (TOGNETTA; VINHA, 2007, p. 92). Portanto, os/as professores/as devem promover diariamente nas salas de aula reflexões sobre as ações e a relação lógica com determinadas regras. Para a criança, as resoluções de problemas acontecem por meio de ações, de acordo com Vinha (2000), a manifestação de sentimentos pela criança pequena acontece por meio de atitudes e não de palavras, assim “é importante ensinar a ela uma outra maneira de expressar-se” (VINHA, 2000, p.354). Nesse caso, entram as atividades argumentativas, momento em que as crianças podem e devem manifestar-se por meio da oralidade, argumentando e posicionando-se.

Vinha (2000) considera que apenas “conversar não é suficiente”, há a necessidade do/a professor/a propor às crianças ações para que possam refletir e buscar outros meios, sem ser a agressividade, para a resolução dos conflitos. “Lembramos que as regras “combinados” precisam beneficiar a todos e têm como objetivo contribuir para a organização do ambiente de trabalho e promover a justiça e a responsabilidade.” (TOGNETTA; VINHA, 2007, p.91).

Vinha (2000) explica que quando o/a professor/a realiza medidas que acabam por excluir a participação das crianças na resolução dos conflitos ou na responsabilização da indisciplina, pode ocorrer a interpretação, por parte dos/as envolvidos/as, que o/a professor/a está tomando partido de um dos lados e favorecendo uma criança em detrimento de outra. “[...] seria mais construtivo se o professor apresentasse o problema de maneira objetiva e incentivasse as crianças a apresentarem propostas de resolução de conflitos” (VINHA, 2000, p. 357).

A reflexão deve ser orientada a partir de um diálogo entre professor/a e alunos/as envolvidos/as. O cantinho do pensamento, comumente utilizado nas Escolas Infantis não assegura que a criança refletiu e nem a resolução do problema. Em situações como essa “[...] a criança pode aprender a mentir para não ser punida” (VINHA, 2000, p.359), como por exemplo, dizer que já refletiu, já pensou, quando na verdade ela não tem consciência do significado desses termos.

Considerando que indisciplina consiste na quebra de regras disciplinares definidas pela instituição escolar e, considerando que crianças na Educação Infantil estão em franco desenvolvimento das percepções de si, do outro e do nós, é válido pensar que o conhecimento sobre as regras e a noção da importância dessas para o convívio social e para o desenvolvimento da aprendizagem deve ser transmitido pelo/a professor/a. Assim, conflitos e comportamentos incoerentes com o convívio social devem ser incorporados como instrumentos de ensino, deve-se aproveitar os momentos de birra, discussões e disputas como objetos de aprendizagem e desenvolver nas crianças conhecimentos sobre as normas sociais. Com esse pensamento, os conflitos deixariam de ser vistos como problemas a serem evitados e passariam a ser considerados como oportunidades de aprendizagem.

5. METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as concepções de professores/as da Educação Infantil sobre a indisciplina a fim de compreender a prática adotada frente aos comportamentos definidos como indisciplinados. Num primeiro momento pesquisamos sobre o referencial teórico que se sustenta, no entendimento de Lakatos e Marconi (2003) como pesquisa bibliográfica que propicia a análise de um tema sob novo enfoque ou abordagem, podendo chegar a conclusões inovadoras sobre assuntos historicamente tratados em teorias científicas. Como critérios de seleção, utilizamos de bibliografias que tratam dos temas Educação Infantil e indisciplina, além de temas afetos à área das relações sociais na perspectiva da Teoria das Representações Sociais, que é a base teórica do trabalho. As abordagens teóricas têm como objetivo embasar as discussões dos dados coletados na pesquisa de campo.

Inicialmente a pesquisa abordou os conceitos de Representações Sociais, disciplina/indisciplina escolar e Educação Infantil; seguidamente realizamos pesquisa de campo acerca da ação pedagógica de professores de Centros de Educação Infantil públicos e privados de uma cidade localizada na Região Norte-Central do Paraná. A coleta de dados foi feita por meio da aplicação de um questionário aos professores/as, o critério de seleção para a escolha dos participantes seguiu a orientação de serem professores da Educação Infantil e aceitar participar. O questionário contém seis questões relacionadas à caracterização dos participantes e cinco questões referentes aos conceitos e ações pedagógicas relativas à indisciplina. Os resultados dessa pesquisa foram analisados quanti/qualitativamente. Abaixo são apresentados os resultados e as discussões.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário foi respondido no mês de julho de 2017 na presença da pesquisadora que foi até os participantes em seu local de trabalho, nos horários de hora atividade. No total, foram 16 participantes, todos do sexo feminino, a média de idade é de 35,3 anos, todos possuem curso de graduação, 10 possuem graduação em pedagogia, 2 em Letras, 1 em Artes Visuais e 3 participantes não possuem formação em curso superior. A média de tempo exercendo a profissão de Professora na Educação Infantil é de 8,4 anos, sendo que 8 atuam em escolas privadas e 8 em escolas

públicas. As respostas do questionário foram categorizadas, foram selecionadas palavras-chave que resumissem a intenção de resposta.

Na primeira questão foi solicitado que fosse definida a indisciplina, o resultado segue no quadro abaixo. Na primeira coluna descrevemos as categorias de respostas e na segunda coluna segue o número de participantes que deram as mesmas respostas:

Quadro 1: Definição de Indisciplina

Respostas	Quantidade
a. Não respeitar regras	10
b. Mau comportamento	5
c. Desobediência	4
d. Negação da ordem/normas	4
e. Não seguir regras	3
f. Falta de limites	2
g. Problemas com a família	2
h. Não conhecer regras	1
i. Falta de valores	1
j. Pouco uso de autoridade	1
k. Aluno/a destemido	1
l. É uma ação intencional	1
m. Bagunça	1

Fonte: Quadro organizado pelas autoras.

Percebe-se que há um agrupamento de respostas que não definem a indisciplina, como problemas com a família, falta de valores, pouco uso de autoridade. As respostas evidenciam o senso comum, que é um tipo de conhecimento que pode explicar a prática social. Tanto para Moscovici (1978) como para Jodelet (2001, p. 22), os conhecimentos partilhados socialmente têm objetivos práticos e contribuem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Nesse caso, trata-se da realidade escolar e a figura do aluno da Educação Infantil que carrega representações sociais construídas na base do senso comum, em que a obediência e o uso de autoridade representam a ordem e os valores de uma classe social. Assim, considera-se que para resolver o problema de forma prática, basta fazer uso da autoridade e exigir a obediência, como tradicionalmente se faz no âmbito familiar.

Foi citado o “aluno/a destemido/a”, nesse caso, remete-se à figura de autoridade do/a professor/a que está sendo colocada em xeque como aquele/a que não domina a turma e do/a aluno/a que não tem medo do/a professor/a, assim a disciplina estaria relacionada à obediência por uma questão de medo à figura de autoridade e

não por ter sido compreendido a necessidade do cumprimento do comportamento disciplinado. Nessa questão, podemos retomar as palavras de Menin, (1996, apud Vinha, 2000, p.134) que afirma que o descumprimento das regras ocorrem justamente por conta do fator impositivo, pois a imposição desfavorece a tomada de consciência.

Seria o que De La Taille (1996) define como “uma forma de desobediência insolente”, aquele que não obedece e desafia a autoridade. Vinha (2000) esclarece que a relação entre disciplina, obediência e submissão, faz com que todos os comportamentos considerados inadequados sejam tomados como indisciplina, e muitas vezes a regra é imposta e só se justifica pela autoridade de quem a impõe.

As respostas não aceitar regras, não seguir regras, negação da ordem/normas e não conhecer regras se equivalem, portanto, temos 18 respostas que relacionam indisciplina à quebra de regras. Porém, não ficou claro a que regras se referem, o que completa a resposta de 5 participantes que definem indisciplina como mau comportamento. Tanto regras como mau comportamento podem ter definições múltiplas, dependendo de quem as define.

Os professores devem promover a reflexão com as crianças, diariamente, sobre as relações de determinadas ações com as regras disciplinares, pois para a criança as resoluções de problemas acontecem por meio de ações. A manifestação de sentimentos pela criança pequena acontece por meio de atitudes e não de palavras, assim “é importante ensinar a ela uma outra maneira de expressar-se” (VINHA, 2000, p.354).

Na sequência, foi solicitado na questão 2, que os participantes dessem exemplos de comportamentos considerados como indisciplina, observados nos/as alunos/as da Educação Infantil. As respostas foram as seguintes:

Quadro 2: comportamentos indisciplinados observados

Respostas	Quantidade
a. Atitudes agressivas	7
b. Não respeitar/obedecer/cumprir regras pré-estabelecidas	6
c. Agressões físicas	6
d. falta de respeito com os outros	5
e. Conversa paralela durante a explicação	4
f. Agressões verbais/palavrões	4
g. Manhas e birras	2
h. Não respeitar a hora de brincar	2
i. Não atender ao comando do adulto	2

j. Enfrentamento e deboche diante do comando do adulto	2
k. Falta de diálogo	2
l. Falta de limites	2
m. Desinteresse pelos estudos	2
n. Riscar a carteira	1
o. Arrancar cartazes e decorações	1
p. Jogar lixo no chão	1
q. Não respeitar a formação de fila	1
r. Gritar	1
s. Não sentar	1
t. Não respeitar o horário de descanso	1
u. Sair da sala sem pedir licença	1
v. Pegar objetos não solicitados	1
w. Correr em sala de aula	1
x. Não recolher os objetos utilizados	1
y. Não cumprimento de tarefas escolares	1
z. falta de organização	1
aa. falta de educação familiar	1

Fonte: Quadro organizado pelas autoras.

Observa-se que sete participantes responderam “atitudes agressivas” como comportamento indisciplinado, aqui retomamos as discussões de Vinha (2000) quando a autora chama a atenção para a necessidade de distinção entre os comportamentos indisciplina e conflitos e que ambos, mal resolvidos, acarretam em atitudes agressivas. As respostas “atitudes agressivas, agressões físicas, agressões verbais/palavrões” podem estar sofrendo do efeito generalização citado por Vinha (2013), quando a autora diz que a falta de conhecimento dificulta a distinção entre conflitos e indisciplina. Além de que, a falta de definição da indisciplina acarreta em respostas evasivas, como citar como exemplo de comportamento indisciplinado a falta de diálogo e o desinteresse pelos estudos.

Por meio da TRS, compreendemos que as significações sociais a objetos da realidade ocorrem a partir do convívio no grupo social e da internalização dos significados socialmente partilhados e ainda, como afirma Pombo-de-Barros e Arruda (2010, p. 353) a representação social do objeto “aponta para o entrelaçamento entre o objeto representado e o sujeito que o representa”. No caso, a representação social partilhada do/a o/a aluno/a da Educação Infantil é o de alguém desinteressado/a pelos estudos, que faz birra, que não tem limites, entre outras respostas generalizantes e não necessariamente exemplo de comportamento indisciplinado.

De acordo com Parrat-Dayan (2008) e Vinha (2000) a disciplina é importante para o aprendizado, pois favorece a concentração e dedicação ao tempo de estudo, que pode ser interrompido com ações agressivas visto que, conforme os autores, a quebra das regras ocasiona micro violências no ambiente escolar. Portanto, a disciplina é importante, pois tem o intuito de facilitar as relações interpessoais e o processo de aprendizagem, por isso o/a professor/a não pode pensar que manter a disciplina em sua sala é para manter o controle dos/as alunos/as, mas para ser um processo de aprendizagem construído juntamente com eles/as.

Na terceira questão, a solicitação foi a de justificar o porquê dos comportamentos citados nas respostas da questão dois, serem considerados indisciplina. Abaixo, segue as respostas:

Quadro 3: Justificativa

Respostas	Quantidade
a. Fogem das regras e combinados	6
b. Atrapalham a aprendizagem	4
c. desestrutura familiar	3
d. falta de limites	2
e. Não são considerados comportamentos adequados para o convívio social	1
f. Não são aceitos no cotidiano	1
g. Aluno não responde como a maioria do grupo	1
h. Atrapalha o andamento e rotina da sala	1
i. Acontecem de forma repetida	1
j. Dificulta o atendimento e cuidados escolar	1
k. Dificulta o atendimento das limitações propostas pela escola	1
l. Falta de educação	1
m. Criança sem rotina	1
n. Baixo rendimento escolar	1
o. Excessiva proteção dos pais	1
p. Carências sociais	1
q. Influências de pessoas violentas	1

Fonte: Quadro organizado pelas autoras.

Conforme nossas análises, podemos considerar coerentes com o perfil indisciplina colocado em nosso trabalho, as respostas: fogem das regras e combinados; atrapalham a aprendizagem e o andamento e rotina da sala; dificulta o atendimento e cuidados escolar além do atendimento das limitações propostas pela escola. Algumas respostas apresentam falhas na construção da frase, dando duplos sentidos, generalizações e incoerências, como justificar o comportamento indisciplinado por conta da carência social ou que a desestrutura familiar causa a indisciplina, além da citação da

excessiva proteção dos pais. São conhecimentos do senso comum desenvolvidos e partilhados pelo grupo social sobre a realidade.

Um participante escreveu a seguinte resposta: “*Considero indisciplina: falar de boca cheia, falar gritando e interromper os outros quando está conversando. No modo de agir: entrar na casa das pessoas sem bater na porta*”. Nessa resposta percebe-se a congruência dos contextos familiares e escolar, os processos de objetivação e ancoragem (MOSCOVICI, 1978) podem explicar as construções de significações da realidade objetivada: o que já se conhece é a indisciplina no âmbito familiar, relaciona-se o desconhecido ao já conhecido e se concretiza a imagem de aluno indisciplinado.

Na questão 4 foi solicitado que os participantes descrevessem as estratégias que adotam frente a comportamentos considerados indisciplinados. Houve a citação das seguintes estratégias: promover palestras para os pais; que a coordenação deve comunicar aos pais; trabalhar em equipe família, comunidade e escola. Essas respostas não atendem ao solicitado, uma vez que a questão se referia as estratégias adotadas pelos participantes. As respostas que atenderam ao proposto foram as seguintes:

Quadro 4: Estratégias adotadas

Respostas	Quantidade
a. Converso com o/a aluno	7
b. Estabeleço regras com os alunos	3
c. Reforço positivamente o cumprimento das regras	2
d. Coloco-me como ajudante	2
e. Converso com pais e/ou responsáveis	2
f. Mostro autoridade e liderança, postura firme	2
g. Uso o lúdico para aprender a respeitar	2
h. Busco a razão do comportamento indisciplinado	2
i. Trabalho a empatia a partir de atividades pedagógicas	1
j. Dou carinho e atenção	1
k. Trabalho sentimentos, confiança, afeto, carinho, atenção	1
l. Busco ajuda da família	1
m. Trabalho a musicalização	1
n. Promovo a ação de responsabilização em cuidar do dano causado ao outro, por exemplo, no caso de uma mordida, a criança que mordeu é quem vai cuidar do outro, passar uma pomada, ficar ao seu lado até que se acalme.	1
o. Ensinar	1
p. Resgate de valores	1
q. Comunico a coordenação em caso de reincidência	1

r. Redirecionar a ação pedagógica, adotando uma postura, usando a voz normal e natural, para resolver esses problemas de forma sábia.	1
---	---

Fonte: Quadro organizado pelas autoras.

Nessa mesma questão, um participante descreveu suas estratégias da seguinte forma:

“Depende de qual regra foi violada. Exemplo: Se o aluno estava brincando no momento da atividade, no momento da brincadeira ele vai terminar a atividade que ficou incompleta. Se ele desrespeitou um amigo ou professor, ele fica numa cadeira próximo a mim pensando no que fez e só sai se souber relatar exatamente o seu erro pedir desculpa à pessoa afetada. Se mesmo o aluno continuar com atitudes violentas e desrespeito, mostrando que não está arrependido, ele continua separado dos demais”.

Quando o/a professor/a utiliza os castigos como método de resolução do problema, não está causando na criança a reflexão necessária, pois “a criança pode aprender a mentir para não ser punida” (VINHA, 2000, p.359), além de que, sentar no “cantinho do pensamento” e tantos outros nomes dados a esse castigo, se torna uma ação sem sentido se a criança não compreender o que é refletir, o que é conscientizar-se, o que significa responsabilizar-se e o porquê da necessidade de pedir desculpas bem como a questão do arrependimento. Para que isso ocorra, esses princípios e significados devem ser ensinados, pois as crianças ainda não dominam alguns conceitos.

Na descrição das estratégias adotadas, a fim de solucionar os comportamentos considerados indisciplinados, o maior número de respostas dadas pelos participantes foi a conversa. Vinha (2000) considera que conversar não é suficiente, pois há necessidade da criança agir, adotar uma atitude e responsabilizar-se pelas ações cometidas, refletindo e buscando outros meios, sem ser a agressividade, para resolver a situação e/ou os conflitos. Vinha (2000) explica que, quando o/a professor/a toma atitudes que exclui a ação da própria criança, ele/a está ensinando para as crianças que os outros irão resolver os problemas delas, e não será dada a oportunidade de aprenderem a resolverem seus próprios problemas. Seria mais construtivo se o/a professor/a desse oportunidade às crianças de apresentarem propostas de resolução de conflitos.

Na quinta e última questão foi perguntado se os participantes recebem orientações sobre como proceder em casos de comportamentos indisciplinados dos/as

alunos/as da Educação Infantil. Foi dada a possibilidade de assinalarem mais de uma resposta. Dos 16 participantes, 13 responderam que recebem orientações da equipe pedagógica; 3 participantes responderam que recebem orientações nos cursos de formação oferecidos pela Secretaria de Educação; um participante respondeu que não recebe orientações sobre como proceder em relação aos comportamentos indisciplinados; um participante escreveu que lê sobre o assunto, principalmente na área da psicologia e um participante teceu o seguinte comentário:

“Sim recebo, porém muito pouco. Deveríamos partir de um trabalho em conjunto entre escola, família e sociedade para sanar os problemas disciplinares. Precisamos de formações que realmente orientem os educadores a lidar com esses alunos indisciplinados”.

A importância da formação para o aprofundamento do conhecimento e ampliação das possibilidades de atendimento aos conflitos e comportamentos indisciplinados se deve ao fato de que as concepções do senso comum precisam ser destruídas, pois sabemos que as representações sociais que construímos orientam nossas ações e a comunicação entre os indivíduos (MOSCOVICI, 1978). Assim, a ação na Educação Infantil deve pairar sobre bases científicas a fim de educar e cuidar com responsabilidade e comprometimento profissional.

Sabemos que para o/a professor/a ensinar os caminhos das resoluções dos conflitos, da contenção do comportamento indisciplinado a partir do respeito e entendimento das regras às crianças pequenas não é algo fácil, mas deve ser usada a mediação para promover a reflexão e promover situações que oportunizem as ações reparativas consciente das crianças.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho procuramos compreender e refletir sobre a concepção e as práticas de professores da educação infantil acerca da indisciplina das crianças pequenas, as estratégias utilizadas para controlar o comportamento considerado indisciplinado e o que dizem as teorias científicas sobre essas questões.

As respostas aos questionários demonstraram que a definição de indisciplina apresenta falhas no que diz respeito às especificações, as respostas apresentaram generalizações e fuga de contextos e ficaram evidentes as representações sociais

construídas a partir do senso comum. Os/As professores/as são os principais agentes no processo educacional, portanto as suas representações são fundamentais, na medida em que contribui para as práticas e intervenções pedagógicas a serem adotadas.

Percebeu-se que falta aprofundamento na formação pedagógica quanto ao atendimento aos conflitos e comportamentos indisciplinados na Educação Infantil, principalmente por ser a fase de desenvolvimento de repertório comportamental e construção de representações sociais.

Consideramos que as regras são mecanismos importantes para facilitar a contenção dos impulsos e melhorar a convivência em grupo, adequando direitos e deveres. Mas a construção dessas regras deve ser partilhadas, e essa construção deve ser considerada momento de aprendizado, assim como não devem ser evitados os momentos de conflitos, acreditando que esses momentos são oportunidades de desenvolvimento da percepção do eu, do outro e do nós.

8. REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTI, Alda Judith. Representações Sociais: Aspectos Teóricos e Aplicações à Educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 1, p. 18-43, jan. / jun. 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2016.

DE LA TAILLE, Yves. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa. (org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996, p. 9-24.

ESTRELA, Maria Teresa. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

GARCIA, Joe. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan/abr. 1999.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____ (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ. 2001, p. 17-44.

LAJONQUIÉRE, Leandro. A criança sua (in) disciplina e a psicanálise. In: AQUINO, Julio Groppa. (org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996, p. 25-37.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, Maria Izete. **Indisciplina escolar**: determinações, consequências e ações Brasília: Líber livro, 2005.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

POMBO-DE-BARROS, Carolina Fernandes; ARRUDA, Angela Maria Silva. Afetos e representações sociais: contribuições de um diálogo transdisciplinar. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 351-360, Jn. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000200017>. Acesso em: 12 jun. 2017.

REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskyana. In: AQUINO, Julio Groppa. (org.). **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996, p. 83-102.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Quando a escola é democrática: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola. In: _____ (org.). **A resolução de conflitos e a construção de regras nas assembleias**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2007. p. 91-97.

VINHA, Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas, SP: Mercado de Letras; 2000.

APÊNDICE

APÊNDICE I – Instrumento para coleta de informações

Prezado(a) Professor(a)

Este instrumento de coleta de dados faz parte de uma pesquisa institucional que nos possibilitará fazer uma imersão nas questões relativas aos conceitos sobre indisciplina na Educação Infantil. Sua participação é imprescindível para o sucesso da pesquisa. Por isto, suas respostas devem refletir sua opinião e a realidade de sua sala de aula. Agradecemos sua valiosa colaboração!

QUESTIONÁRIO

PARTE A – CARACTERIZAÇÃO

01 – Sexo:

- a) () Masculino
- b) () Feminino

02 – Idade: _____

03 – Possui curso superior?

- a) () Sim - Área de formação: _____
- b) () Não

04 – Ano de formação no curso superior: _____

05 – Tempo de exercício na função de Professor/a da Educação Infantil: _____

06 – Atua em instituição:

- a) () Privada
- b) () Pública
- c) () Privada e Pública

PARTE B

1. Defina indisciplina:

2. Dê exemplos de comportamentos considerados por você como indisciplina, observados nos/as alunos/as da Educação Infantil:

3. Justifique sua resposta. Explique o porquê dos comportamentos citados terem sido considerados comportamentos indisciplinados:

4. Frente aos comportamentos citados como indisciplinados, qual ou quais as estratégias que você adota?

5. Você recebe orientações sobre como proceder em casos de comportamentos indisciplinados dos/as alunos/as da Educação Infantil?

- a) () Sim, recebo orientações da equipe pedagógica.
- b) () Sim, recebo orientações nos cursos de formação oferecidos pela Secretaria de Educação
- c) () Não
- d) Outra forma: _____